

Artigo

Les incidences d'un atelier biographique de projet sur les épreuves du sujet apprenant à l'Université : contribution de la recherche biographique en éducation et de la théorie du rapport au savoir

The implications of a project biographical workshop on the learning process at the university: contributions from educational biographical research and knowledge theory

Impacto de um ateliê biográfico do projeto sobre as provas do sujeito que aprende na universidade: contribuição da pesquisa biográfica em educação e teoria da relação com o conhecimento

Las repercusiones de un taller biográfico del proyecto sobre las pruebas del sujeto que aprende en la universidad: contribución de la investigación biográfica en educación y de la teoría de la relación con el conocimiento

Valérie Melin¹

Universidade de Lille, Lille, França

Resumo

Este artigo propõe-se a examinar, a partir de uma pesquisa de campo realizada com estudantes de L3 envolvidos em um ateliê biográfico de projeto, como esta experiência se configura em uma auto narrativa que é objeto de acompanhamento formativo. A análise das narrativas evidencia como os mandatos que acompanham a massificação universitária, definindo novas normas, pesam sobre a experiência dos estudantes, afetam sua construção identitária e atuam na construção de suas trajetórias. O ateliê biográfico de projeto, que se baseia nos marcos teóricos da pesquisa biográfica em educação (Delory-Momberger, 2014) e da relação com o saber (Charlot, 1997), permite estudar como a experiência vivida, inseparável do confronto com testes (Martuccelli, 2010), torna-se um saber a ser construído pelo aprendiz (Melin, 2017). O dispositivo do ateliê biográfico de projeto permite pensar e construir um acompanhamento cuja contribuição para o percurso de formação universitária é inegável. A autorrelato no trabalho biográfico constitui não apenas um analisador das tensões identitárias que os estudantes vivem, mas também um lugar de experimentação da reconfiguração identitária que possibilita transações relacionais e biográficas. A partir do ateliê biográfico de projeto pudemos compreender melhor os percursos de estudantes de graduação que se encontravam em situação de desistência ou em vias de abandono de sua formação universitária.

Abstract

This article aims to examine, from a field research carried out with L3 students involved in a project biographical studio, how this experience is configured in an auto narrative that is the object of formative accompaniment. The analysis of the narratives shows how

¹Possui doutorado em Sciences de l'Éducation - Université Paris 13 (Paris-Nord) - Campus de Villetaneuse. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2462-4470>. E-mail: valerie.melin@univ-lille.fr



the mandates that accompany the university massification, defining new norms, weigh on the experience of students, affect their identity construction and act in the construction of their trajectories. The project biographical workshop, which is based on the theoretical frameworks of biographical research in education (Delory-Momberger, 2014) and the relationship with knowledge (Charlot, 1997), allows to study how the lived experience, inseparable from the confrontation with tests (Martuccelli, 2010), becomes a knowledge to be built by the apprentice (Melin, 2017). The device of the biographical project studio allows to think and build a follow-up whose contribution to the university training course is undeniable. The self-report in biographical work is not only an analyzer of the identity tensions that students live, but also a place of experimentation of the identity reconfiguration that enables relational and biographic transactions. From the project biographical studio we could better understand the paths of undergraduate students who were in a situation of withdrawal or on the way to abandon their university training.

Resumen

Este artículo se propone examinar, a partir de una investigación de campo realizada con estudiantes de L3 involucrados en un taller biográfico de proyecto, cómo esta experiencia se configura en una autonarrativa que es objeto de seguimiento formativo. El análisis de las narrativas evidencia cómo los mandatos que acompañan la masificación universitaria, definiendo nuevas normas, pesan sobre la experiencia de los estudiantes, afectan su construcción identitaria y actúan en la construcción de sus trayectorias. El taller biográfico de proyecto, que se basa en los marcos teóricos de la investigación biográfica en educación (Delory-Momberger, 2014) y de la relación con el saber (Charlot, 1997), permite estudiar cómo la experiencia vivida, inseparable de la confrontación con pruebas (Martuccelli, 2010), se convierte en un saber que debe ser construido por el aprendiz (Melin, 2017). El dispositivo del taller biográfico de proyecto permite pensar y construir un acompañamiento cuya contribución al camino de formación universitaria es innegable. El autorrelato en el trabajo biográfico constituye no solo un analizador de las tensiones identitarias que viven los estudiantes, sino también un lugar de experimentación de la reconfiguración identitaria que posibilita transacciones relacionales y biográficas. Desde el taller biográfico de proyecto pudimos comprender mejor los recorridos de estudiantes de grado que se encontraban en situación de abandono o en vías de abandono de su formación universitaria.

Palavras-chave: Ateliê biográfico de projeto, biografização, relação com o saber.

Keywords: Biographical design studio, biography, relationship with knowledge.

Palabras-clave: Taller biográfico de diseño, biografía, relación con el saber.

Introdução

O processo de massificação do ensino secundário em curso na segunda parte do século XX prolongou-se no ensino superior, suscitando a sua parcela de dificuldades específicas para os jovens que adquirem estudos universitários e, em particular, formas de quedas caracterizadas, por exemplo, pela interrupção da formação antes da obtenção do diploma de bacharel, de forma bastante sensível no primeiro ano, ou ainda por rupturas, tempos de interrupção e reorientação no decorrer do ciclo. Uma revisão recente da literatura sobre essas questões mostrou que essas problemáticas do ensino superior (Giret & al., 2019; Charles, 2015; Paivandi, 2015 e 2018), já bem identificadas e documentadas, ainda não tinham dado lugar a uma investigação específica da experiência do

estudante que seria adequada para oferecer uma nova luz sobre os desafios da massificação universitária. Este artigo propõe-se a examinar, a partir de uma pesquisa de campo realizada com estudantes de L3 envolvidos em um Ateliê biográfico de projeto, como esta experiência se configura em uma auto narrativa que é objeto de acompanhamento formativo.

A análise das narrativas evidencia como os mandatos que acompanham a massificação universitária, definindo novas normas, pesam sobre a experiência dos estudantes, afetam sua construção identitária e atuam na construção de suas trajetórias. O ateliê biográfico de projeto, que se baseia nos marcos teóricos da pesquisa biográfica em educação (Delory-Momberger, 2014) e da relação com o saber (Charlot, 1997), permite estudar como a experiência vivida, inseparável do confronto com testes (Martuccelli, 2010), torna-se um saber a ser construído pelo aprendiz (Melin, 2017) por meio de um trabalho reflexivo do qual é responsável e que pode comprometer uma transformação das suas representações assim como um reforço do seu poder de agir.

1. O contexto francês: a universidade face à massificação

A universidade francesa mudou muito em cerca de sessenta anos. Os estudantes passaram de 310.000 em 1960 para 2,73 milhões em 2019 e os números estão em constante crescimento (1,3% ao ano nos últimos 5 anos, segundo o Ministério do Ensino Superior). Esta mudança quantitativa que apenas continua o movimento iniciado no ensino secundário é também acompanhada por uma mudança qualitativa que diz respeito tanto aos cursos oferecidos, os estudantes e seus percursos como às missões gerais da universidade. É neste contexto de transformação que se coloca a questão, que se tornou crucial, do acompanhamento dos estudantes na implementação do seu percurso formativo.

2. Novos cursos para um novo público

Para se adaptar a um novo público, novas vias de formação (Vasconcellos, 2006) surgiram e a profissionalização (Aguilhon C., Convert B., Gugenheim F. & Jakubowski S., 2012) assume uma posição importante nas formações. Assim, os percursos de estudo e o público estudantil diversificam-se. Entre os estudantes que entram na universidade, há novos perfis que se afastam da figura do herdeiro que Bourdieu estudou e que Felouzis (2001) evocou sob a expressão de estudante «sem qualidades». Sem evocar um perfil típico de estudante, recusado de um ponto de vista científico, podemos adiantar algumas características recorrentes que remetem para aquelas que Dubet (1991) destacou através do retrato que fez do «novo aluno do liceu», produto da massificação do ensino secundário. Este novo público é constituído em grande parte por jovens provenientes das classes médias ou populares que têm um emprego ao lado dos estudos para fazer face a uma precariedade crescente e que não se beneficiam de todos os pré-requisitos para ter sucesso na sua formação no plano epistemológico, em termos de métodos de trabalho e autonomia (Paivandi, 2015). Os percursos são cada vez mais marcados por rupturas e reorientações. A preocupação com o emprego tende a favorecer a escolha de cursos que parecem claramente associados a uma carreira profissional identificável e valorizada. Obter um emprego é um objetivo

importante numa idade em que a vocação profissional ainda não se afirmou e num contexto de forte valorização do diploma (Van de Velde, 2008). Uma vez que os alunos estão envolvidos em tais cursos, eles muitas vezes descobrem que não são adequados para eles e constroem um projeto de reorientação. Além disso, a fragmentação das etapas do acesso à idade adulta, cujos marcadores tradicionais são a “descoabituação”² e a autonomia financeira através do acesso a uma profissão, tende a reforçar o caráter caótico da trajetória universitária que às vezes tem de ser interrompida por necessidades pessoais e familiares. O projeto de formação tem dificuldade em ser construído e concluído; muitas vezes é acompanhado por idas e vindas entre os estudos e o emprego, instalando uma forma de descontinuidade pouco propícia à sua conclusão, devido a problemas familiares, pessoais e sociais.

3. Universidade: missões repensadas

As missões da universidade francesa também mudaram. O imperativo da diplomação e a sua articulação com a empregabilidade dos estudantes estão no centro das preocupações da Instituição. Trata-se de formar para competências valorizáveis no mundo do trabalho mais do que acompanhar uma busca de conhecimento que seria em si mesma o seu próprio fim. Os currículos do ensino superior também estão se transformando, com ênfase no desenvolvimento da profissionalização, especialmente através de estágios. No fundo, trata-se também de melhorar a competitividade da universidade francesa em conformidade com as prescrições europeias, tal como foram formuladas no processo de Bolonha. A Europa ambiciona construir uma sociedade do conhecimento que pressupõe o aumento do limiar de diplomação ao nível do 3o ano do ensino superior (licenciatura 3). Para atingir este objetivo, a França implementou uma política educacional sob a designação «continuum bac-3/bac+3», cujo enquadramento regulamentar é apresentado na circular do Ministério da Educação Nacional de 18 de junho de 2013. Trata-se de promover uma continuidade do currículo de formação do liceu até ao grau de licenciatura 3, com o objetivo de articular mais estreitamente o ensino secundário e o superior para favorecer o sucesso dos novos ingressantes na universidade.

4. As problemáticas de fracasso e abandono: a questão da individualização e do acompanhamento

Há alguns anos, há uma alta taxa de abandono e fracasso em bacharelado e particularmente em Licenciatura 1. De acordo com a nota ministerial «Percurso e sucesso em bacharelado e em Paces³» publicada em 21 de novembro de 2017, 31% dos estudantes matriculados deixam a universidade antes do final do primeiro ano. Os dados da DEPP de 2020 confirmam esta constatação. Mostram que apenas 40% dos estudantes de bacharelado em educação geral e profissional obtêm o diploma em três ou quatro anos. As taxas de sucesso aumentaram apenas ligeiramente desde meados da década de 2000, e sua fraqueza está associada a um abandono significativo após um ou

² A palavra “déchohabitation”, no original, em francês, indica a vida do aluno universitário que passa a viver sozinho, bem como o distanciamento de seus familiares. Assim o entendemos, uma vez que não existe o termo “decohanitação” em português. (N. do T).

³ “Paces” corresponde ao primeiro ano de graduação na área da saúde na França.

dois anos de estudo. As políticas públicas procuram formas de lidar com isso, inserindo-se numa lógica de individualização. A lei ORE (Orientação e Sucesso dos Estudantes), aprovada em 2018, implementou uma estratégia de regulação institucional. Esta lei representa a forma legislativa mais recente desta lógica de individualização dos percursos; prossegue o trabalho institucional implementado através do procedimento de pré-inscrição «Parcoursup⁴» que tem por objetivo verificar a adequação entre o perfil do jovem, o seu projeto, as suas competências e as características da formação universitária que pretende. A Lei ORE visa dar uma maior coerência à oferta de formação, desenvolvendo uma nova concepção da arquitetura dos cursos através de um ensino modular com capitalização de competências. O objetivo é criar as condições para uma inserção do estudante no mundo profissional, promovendo uma informação clara e precisa sobre as oportunidades profissionais de formação, acompanhando os alunos na construção de seu projeto profissional.

A ênfase também é colocada em um acompanhamento de ordem pedagógica através do contrato de sucesso pedagógico que deveria poder conceder ao aluno um tempo para que ele possa pensar sobre sua orientação com esclarecimentos por parte dos professores que também devem organizar espaços de correção a partir de um acompanhamento individualizado em caso de necessidade. Um tutorado entre pares, dispositivos de identificação dos estudantes mais frágeis para lhes oferecer ajuda vêm reforçar o arsenal pedagógico que visa ampliar os conhecimentos procurados em capacidades metodológicas e competências mais transversais. A inovação pedagógica é valorizada para reforçar o envolvimento dos alunos no aprendizado.

As pesquisas realizadas sobre os dispositivos institucionais e pedagógicos de acompanhamento ao sucesso, pouco numerosos no que diz respeito aos efeitos da lei ORE cuja implementação é recente, evidenciaram, no entanto, a sua dificuldade de implantação. O relatório do Cnesco⁵ de julho de 2019, intitulado «Políticas, práticas e dispositivos de apoio ao sucesso para estudantes universitários: balanço e perspectivas», sob a direção científica de Emmanuelle Annot, relata, do ponto de vista institucional, o sistema francês não encoraja muito as trajetórias de estudos atípicas que caracterizam em grande parte os cursos de graduação. A forte injunção à continuidade formativa incita a ter um olhar depreciativo sobre os estudantes que abandonam uma área de estudo para ingressar em outra ou no mundo profissional. O projeto de reorientação não é necessariamente muito bem recebido e o percurso anterior é objeto de uma relativa desqualificação aos olhos de uma instituição que tem dificuldade em reconhecer, avaliar e mobilizar na formação os conhecimentos adquiridos da experiência pessoal, acadêmicos ou profissionais. Do ponto de vista pedagógico, Os professores, devido a uma cultura profissional inadequada, estão com dificuldades para garantir um acompanhamento eficaz e individualizado que disponibilize os recursos necessários para o aprendizado do aluno e sua socialização acadêmica (Paivandi, 2016). Esta situação diz respeito, em particular, aos estudantes mais frágeis que, embora identificados como

⁴ O Parcoursup é a plataforma nacional de pré-inscrição em primeiro ano do Ensino Superior na França. Nessa plataforma cada aluno que deseja ingressar em curso superior no sistema nacional francês, após realizar o exame do *Baccalauréat* (“Le Bac”, como é conhecidos na França), ao final do ensino médio daquele país, acessa a Plataforma do Parcoursup e indica dez cursos/instituições que deseja cursar. Conforme as notas no “Bac” as instituições vão disponibilizando as vagas aos interessados. (N. do T.).

⁵ CNECSO: Conselho Nacional de Avaliação do Sistema Escolar. (N. do T.).

estando em dificuldade, não se beneficiam de um real acompanhamento muito limitado.

5. Uma proposta de acompanhamento pedagógico em L3 ciências da educação: o ateliê biográfico do projeto

Para ajudar a responder a estas dificuldades, temos implementado e animado desde 2014, um ateliê biográfico de projeto baseado na valorização da experiência do aluno no qual nos preocupamos em acompanhar seu percurso de formação e a construção de seu projeto profissional. Este ateliê é organizado no âmbito de uma UE transversal, aberta a estudantes de todos os departamentos da Universidade de Lille SHS e com o objetivo de promover uma abordagem inovadora para estudos universitários e socialização. Trata-se de favorecer a construção e/ou o enriquecimento do projeto de formação universitária a partir de ensinamentos não disciplinares que permitam o desenvolvimento de capacidades metodológicas e competências mais transversais.

6. Seus objetivos

O ateliê biográfico de projeto (Delory-Momberger, 2019) promove a experiência do aluno em um quadro coletivo de conscientização e compartilhamento e mobiliza as dimensões biográficas, constitutivas tanto da relação consigo mesmo, da relação com o saber e da relação com o mundo. O biográfico, por sua dupla acepção, remete tanto para os acontecimentos da existência individual como para a narrativa deste fluxo temporal para lhe dar sentido e coerência. A biografia tem como objetivo relatar o «campo de representações e construções segundo as quais os seres humanos percebem sua existência» (Delory-Momberger 2009, p. 76) e diz respeito à «compreensão narrativa da experiência (remete) para uma escrita, ou seja, para um modo de apreender e interpretar o vivido com sua dinâmica e sintaxe, seus motivos e suas figuras» (Ibid., p. 76). A ateliê, como dispositivo pedagógico, propõe-se a realização de vários objetivos. Procura primeiro desenvolver no estudante, de forma individual e em grupo, a auto narrativa. Esta capacidade de se colocar em narrativa não é tradicionalmente promovida pelo sistema educativo francês, que se preocupa menos com aprendizagens experienciais, necessariamente singulares, do que com a apropriação de um saber geral e abstrato. Os estudantes de licenciatura devem superar este déficit cultural, pois quanto mais avançamos no percurso de formação universitária, mais se exige a verbalização da sua experiência. Eles também devem questionar o preconceito de que a fala sobre si é reservada para espaços privados. O ateliê biográfico de projeto visa, assim, estabelecer as condições de uma palavra sobre si socializada, isto é, que se inscreve nos espaços sociais que podem exigir formação acadêmica e profissional, grupo de análise de atividades, situação de recrutamento, carta de apresentação, etc. Distinta da confissão, afastando-se da confidência íntima, a palavra sobre si socializada compromete uma competência reflexiva que revela um conjunto de representações e atitudes que conferem ao indivíduo um lugar na sociedade, permitindo-lhe tomar posição. O ateliê biográfico de projeto visa também o desenvolvimento dessa competência reflexiva através da auto narrativa. Esta reflexão diz respeito particularmente ao projeto do aluno em suas

múltiplas figuras (projeto de vida, projeto de orientação, projeto profissional). Além disso, o ateliê pretende contribuir para o fortalecimento do poder de ação do aluno, ou seja, da sua capacidade de se afirmar como sujeito social frente aos seus recursos criativos e emancipatórios, possibilitando um questionamento sobre o projeto, a distância do seu planejamento e do imperativo de emprego que pesam sobre a continuação dos estudos.

7. Descrição do dispositivo

O ateliê é realizado no primeiro semestre do ano letivo, com uma sessão de duas horas por semana. O grupo é constituído por cerca de quinze estudantes voluntários, provenientes de departamentos diferentes mas, em grande parte provenientes do setor das ciências da educação e da formação. As atividades estão organizadas em quatro fases. Uma fase preparatória, baseada num trabalho psicocorporal, permite a distância das preocupações diárias e o retorno a uma presença própria no aqui e agora. O trabalho psicocorporal visa a reconectar com uma respiração consciente e um relaxamento postural por meio de técnicas oriundas do ioga ou do Qi Gong. Para sair de uma atenção focada no mundo, fonte de estresse, são implementados exercícios que favorecem a atenção periférica, relaxante e uma renovada vigilância da consciência em seus estados internos. Esta preparação torna disponível o trabalho de evocação das memórias que está no centro da abordagem do projeto ateliê biográfico de projeto. O trabalho de evocação consiste em deixar chegar à consciência a(s) memória(s) que permite(m) organizar a relação presente com a sua existência num processo de configuração de si. Não se trata de uma reconstrução racional do passado que se apoiaria necessariamente na ordem sucessiva dos acontecimentos, mas sim de uma atenção vigilante da consciência ao que faz sentido aqui e agora relativamente a uma determinada temática.

Num segundo momento, em todo o grupo, o animador apresenta o tema de reflexão escolhido para a sessão. Recorda as instruções de trabalho e as regras éticas dos intercâmbios que se baseiam num contrato de comunicação entre pares marcado pela obrigação de confidencialidade, a ausência de julgamento, a escuta benevolente e o respeito da palavra do locutor, responsável pela sua enunciação e interpretação. A fase seguinte é realizada em pequenos grupos sem a presença do professor-facilitador. Cada um dos membros começa explorando individualmente o tema, deixando livre a evocação de memórias para depois fazer uma restituição oral aos outros. Esta restituição é realizada no âmbito de um dispositivo específico constituído por uma tríade que corresponde a uma distribuição de papéis que cada membro assume em função da rotação da palavra. O locutor está em uma interação privilegiada com aquele que está na posição de ouvinte (locutário). Seu papel se limita a questionar, se necessário, o locutor para pedir-lhe que especifique esta ou aquela informação que parece estar faltando para entender o fio da narração. O terceiro membro está na posição do observador, responsável pela constituição dos traços da tomada da palavra e das trocas que podem ocorrer. Uma vez que a fala é transmitida, os membros do grupo podem entrar em um diálogo informal, dando espaço para uma discussão sobre o conteúdo e sua interpretação. No agrupamento final, um tempo coletivo de retorno sobre a experiência dá lugar a trocas com o professor-facilitador e favorece uma ascensão geral das análises e dos comentários sobre o conteúdo das trocas em grupo restrito.

As temáticas abordadas têm como característica comum o apelo ao passado e à sua rememoração em torno dos diferentes eixos da existência do estudante. O ateliê é construído em torno de uma progressão temática que se interessa, primeiro, pelo eixo familiar e pela relação com as suas origens, depois pela experiência da escola e dos espaços de formação em geral, e depois pelas experiências de trabalho e de socialização adulta. As temáticas têm por função suscitar a atualização de representações ou ressentimentos que, de perto ou de longe, dizem respeito à relação do estudante com a universidade e ao seu percurso formativo. Um texto reflexivo sobre a experiência global do dispositivo, apoiado por uma narrativa de formação realizada a partir do trabalho biográfico sobre os diferentes eixos é proposto como conclusão do processo do ateliê: ele é construído a partir das notas associadas à tomada de palavra individual e dos comentários registrados durante o questionamento coletivo, mantidos em um diário de bordo que foi pedido a cada aluno para manter sobre sua experiência das diferentes sessões do ateliê.

8. Construção de um projeto de pesquisa: quadro teórico e metodológico

Pareceu-me necessário, após um certo número de anos de implementação do projeto biográfico, fazer a análise através da pesquisa. Baseando-me nos escritos reflexivos redigidos no final do Ateliê e na observação participante das sessões, cujos vestígios conservei em meu próprio diário de bordo, propus-me vários objetivos. Procurei por em evidência a relação dos estudantes com a universidade (socialização, formação e relação com o saber, projeto) fazendo aparecer, a partir de uma abordagem que mobiliza as dimensões biográficas da experiência, as provas vividas. Também me interessei pelos efeitos do ateliê sobre os estudantes e, em particular, pelas implicações formativas da auto narrativa num contexto coletivo, perguntando-me até que ponto este trabalho biográfico poderia contribuir para superar estas dificuldades.

9. Enquadramento teórico da pesquisa

Baseei-me em três abordagens teóricas que procurei articular: a pesquisa biográfica na educação (Delory- Momberger, 2014), a relação com o saber (Charlot, 1997; Laterrasse e Broussais, 2014) e a sociologia das provas (Martuccelli, 2010).

A pesquisa biográfica em educação se baseia na primazia do sujeito, construindo sua relação com o real através da experiência que ele faz dele e, por sua vez, garante o valor de verdade do saber assim construído.

Esta corrente teórica considera que o saber não tem conteúdo, nem sentido, nem valor fora de um sujeito experimentando um mundo cuja realidade se constitui à medida das experiências comprometidas e refletidas a partir de um processo chamado «biografização». Podemos definir os processos de biografia em que os indivíduos, consciente e inconscientemente, em seus comportamentos e em suas palavras, se envolvem ao longo de sua existência, como a atividade constitutiva do seu ser social pela apropriação singular das características dos mundos sociais em que participam. A «biografia» é uma atividade reflexiva que permite ao indivíduo, nas condições da sua inscrição social, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos da sua existência para construir o máximo possível deles, no momento presente, a

coerência, o sentido e a continuidade. Esta atividade reflexiva opera-se particularmente através da narração pelo sujeito da sua existência. A narração constitui ao mesmo tempo uma tomada de consciência de si e uma formação de si que configura o indivíduo de um ponto de vista identitário e questiona sua relação com o social. A relação com a instituição universitária pressupõe a consideração das modalidades e dos processos pelos quais o jovem «biografa» sua experiência de estudante em seus diferentes aspectos e a inscreve em sua história singular.

Charlot (1997), promotor da teoria da relação com o(s) saber(s) define-o como «o conjunto das relações que um sujeito tem com um objeto, um "conteúdo de pensamento", uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação, etc., ligados de alguma forma ao aprender e ao saber» (p. 94). A relação com o saber compreende várias dimensões: epistemológica, identitária e social que são, de certo modo, indissociáveis. Estas dimensões adentram a consciência, tomam lugar e sentido no trabalho de configuração de si que caracteriza o processo de biografização (Delory-Momberger, 2015).

A sociologia das provas-desafios permite iluminar o processo de individuação-subjetivação do ator social. Tem como objetivo central descrever e analisar, sob a forma de desafios sociais e históricos específicos, a experiência que os indivíduos têm de um estado da sociedade. Para evitar que a noção de prova se reduza a designar, em sua relação com o senso comum, qualquer experiência vivida difícil, a noção é mobilizada em sociologia para fazer referência a alguns grandes desafios estruturais particularmente significativos num período histórico ou numa trajetória de vida. O desafio como operador de análise visa não apenas descrever e compreender como os indivíduos enfrentam mudanças, mas também alcançar uma inteligência específica das estruturas e fenômenos da sociedade. A preocupação é, de fato, descrever tanto a natureza estrutural das provações quanto as maneiras pelas quais os indivíduos as enfrentam. A questão das provas que representam a forma como os indivíduos assumem de maneira singular os desafios sociais permite estudar as modalidades de construção dos indivíduos enquanto sujeitos. Estes processos de individuação/subjetivação operam-se no processo de biografização que permite, portanto, evidenciá-los e analisá-los. Estas três abordagens teóricas estão, portanto, em convergência: a pesquisa biográfica propõe uma abordagem formativa e um método de pesquisa para esclarecer a relação com o saber e os processos de individuação/subjetivação dos sujeitos sociais confrontados com os desafios sociais.

10. Metodologia de pesquisa: uma atenção à estruturação da narrativa como co-produção da experiência do indivíduo e da realidade social

Constituí a coleta de dados a partir das narrativas reflexivas de fim de ateliês coletadas há seis anos e complementadas, por alguns, por meio de uma entrevista de pesquisa biográfica cujo objetivo é esclarecer e compreender a configuração singular dos fatos, de situações, de relações e de significados que cada um dá à sua própria existência e que fundamentam o sentimento que tem de si mesmo como ser singular (Delory-Momberger, 2014).

O método de análise das narrativas e entrevistas biográficas mobilizadas baseia-se na abordagem de Paul Ricoeur (1983) sobre a estrutura da narrativa,

que considera a narração como portadora de uma lógica argumentativa. Ela testemunha uma organização do curso dos acontecimentos vividos, ou seja, uma encenação que lhes confere uma coerência e um sentido que contribui para configurar o indivíduo e a sua representação da realidade. Esta lógica argumentativa que é inerente à narrativa, deve ser desvendada por um trabalho interpretativo. As narrativas não dão a conhecer fatos, mas palavras que testemunham «o que o sujeito vive ou viveu, do seu ponto de vista sobre o mundo que é «seu mundo» e que define à sua maneira, ao mesmo tempo que o aprecia e tenta convencer o seu interlocutor da sua validade» (Dubar & Demazière, 2004, p.7). É a atualização do «este mundo» pertencente ao pesquisado que interessa ao pesquisador. Na pesquisa biográfica em educação, a entrevista é projetada para favorecer a busca do pesquisado e produzir efeitos formativos. O pesquisado é considerado como se estivesse a realizar a sua própria investigação sobre si mesmo, pois opera, através das trocas e da narrativa, este trabalho de auto modelagem, de actualização do seu «mundo» que o investigador acompanha e procura captar. Assim, a entrevista de pesquisa biográfica coloca (...) um duplo espaço heurístico que atua sobre o outro, o do inquirido [do narrador] na posição de investigador de si mesmo, o do investigador cujo objeto próprio é criar as condições e compreender o trabalho do inquirido sobre si mesmo» (Delory-Momberger, 2014, p.79). A metodologia da entrevista de pesquisa biográfica e sua análise oferece as condições para uma pesquisa que considera os atores sociais como sujeitos portadores de um conhecimento que o pesquisador aprende a co-construir com eles.

Estes mundos não se descobrem por si mesmos na simplicidade da leitura. «A palavra não é transparente, mas constitui uma construção dialógica complexa» (Dubar & Demazière, 2004, p.7). Não se pode dar conta dos «universos de crenças» apenas com a transcrição das trocas entre o pesquisador e o sujeito observado que se expressam nas entrevistas e/ou nas narrativas ao mesmo tempo em que se elaboram na interação com o pesquisador ou no endereçamento a outro. É necessária a análise das estruturas de significado do discurso que se constrói no âmbito da narrativa. Um «desvio semântico» é necessário. Ter em conta «a palavra das pessoas» não é, de fato, nem se contentar com uma abordagem restitutiva insuficientemente atenta à ordem do discurso, nem apoiar-se numa abordagem ilustrativa cujo objetivo seria validar uma interpretação prévia, Desprezando assim o universo próprio dos sujeitos, substituindo a palavra do pesquisador pela do sujeito observado/ouvido.

Esta posição singular, nem restitutiva, nem ilustrativa, é inseparável de uma teoria da linguagem que não a reduz a uma função de descrição dos fenômenos, mas lhe dá um poder constituinte e uma dimensão performativa. A linguagem é aqui considerada não como um veículo de representações ou um simples suporte da ação, mas, segundo a definição de Cassirer (1972), como um processo pelo qual o real se constitui para nós como meio, quadro de referência e espaço de desdobramento objetivo e subjetivo, na unidade e pluralidade da atividade significativa. É a matriz que gera as diferentes formas de concepções do Eu e do Mundo. É na e pela linguagem que o social «toma forma» e é pela palavra que os sujeitos humanos se socializam, apropriando-se e questionando estas formas.

A categorização sociológica baseia-se num «jogo a três» entre as «categorias naturais» que veiculam os sujeitos observados/ouvidos, as «categorias eruditas» que produzem os investigadores e as «categorias oficiais»

que «servem para legitimar e administrar a ordem social» (Dubar & Demazière, 2004, p.9). A análise das narrativas leva em conta, nas suas modalidades de tratamento, as características deste jogo a três. O objetivo do trabalho metodológico preconizado é fazer com que as categorias naturais reveladas pela análise interna se tornem, através do trabalho interpretativo do pesquisador, categorias teóricas. O pesquisador pode assim realizar a reconstituição das lógicas práticas dos atores sociais, desde que se liberte das categorias oficiais que tendem a pré-determinar pelo menos algumas das categorias naturais e influenciar a construção indutiva das categorias teóricas.

11. Os resultados: Topoï do aprender e testes estudantis

Construí os quadros da interpretação procurando identificar os Topoï ou motivos recorrentes (Delory-Momberger, 2009) para desvelar o valor semântico das narrativas e fazer aparecer lógicas argumentativas que dão conta das lógicas práticas dos atores sociais. O termo «*Topos*» do qual «Topoï» é o plural, significa em grego antigo o lugar. Aristóteles, no quarto livro da sua Física, define-o como «o limite imediato do invólucro» (212 a 20) e como o invólucro fixo que contém aquilo que se move e, portanto, se transforma. De um ponto de vista hermenêutico, o *topos* tem, portanto, a virtude de delimitar e conter um processo de constituição e transformação de sentido. Os Topoï manifestam-se no curso de cada narrativa sob a forma de temas que marcam singularmente, pela sua recorrência, o seu respectivo conteúdo. A concepção hermenêutica faz do *topos* uma forma singular que concretiza as permanências e rupturas na construção dinâmica do sentido. Os Topoï são relativos às preocupações do narrador. Permitem precisar os quadros de orientação da interpretação e apreciar como evoluem e se articulam na lógica argumentativa própria da narrativa. A análise biográfica remete para o trabalho de reflexão sobre a imbricação e as relações que os diferentes Topoï mantêm entre si. Trata-se de produzir uma compreensão da dinâmica integrativa da experiência na narrativa que destaca as ligações entre a relação com o saber e os desafios-provas que os alunos têm de enfrentar em sua existência social.

12. O acesso à fala sobre si mesmo como *topos* do aprender

O primeiro *topos* do aprender diz respeito à palavra sobre si e às provas-desafios que ela enfrenta e que a configuram nas narrativas de forma múltipla. Na sociedade biográfica contemporânea, os atores são confrontados com o imperativo social de auto narrativa. Nas entrevistas/relatos dos alunos surge a necessidade e a dificuldade de aprender a falar de si para enfrentar essa exigência. Os alunos identificaram a importância de ser capaz de construir esse discurso sobre si mesmo como uma necessidade na sociedade biográfica que caracteriza o período contemporâneo (Astier & Duvoux, 2006). Os estudantes se confrontaram particularmente no âmbito do processo de orientação e acesso ao ensino superior que a plataforma Parcoursup estrutura e orienta. O advento da sociedade biográfica é inseparável do apagamento da noção de papel e do enfraquecimento das grandes instituições reguladoras. Esta evolução obriga os indivíduos a construir por si mesmos o sentido da sua atividade social. Este individualismo reflexivo próprio da nossa época se traduz numa aspiração à realização pessoal e num percurso que se experimenta e se constrói a partir das

múltiplas identidades possíveis oferecidas pelas pertencas sociais plurais e diversas dos indivíduos. No entanto, esta auto realização individual, em vez de ser apenas o exercício de uma liberdade e a afirmação de um direito, tende a tornar-se um imperativo social e institucional tão poderoso quanto as prescrições sociais tradicionais. Os indivíduos devem testemunhar a sua capacidade de se adaptar e de influenciar o curso da sua vida propondo-se projetos a realizar e são obrigados a imputar-se, em particular, os obstáculos e os fracassos que encontram nas suas vidas sociais e profissionais e que contrariem este processo de realização. A aspiração à autorrealização e à responsabilização se transformou numa exigência instrumentalizada e institucionalizada para aumentar a eficácia dos atores sociais e assegurar sua adaptação socioeconômica. Portanto, cada um é remetido para a construção de sua própria existência e para o seu ajuste em reflexividade. A biografia não se reduz mais ao curso efetivo da vida. Ela é entendida tanto como uma produção do indivíduo quanto como a representação que ele elabora através do discurso sobre si mesmo. Cada um é chamado a testemunhar uma autonomia que se manifesta através da formatação de sua própria biografia, como construção e narração. A sociedade biográfica baseia-se assim na ideia de uma autonomia que os atores só podem conquistar com a condição de se narrarem para se transformarem, cumprindo um projeto reconhecido como legítimo.

Esta aprendizagem da capacidade de falar sobre si mesmo, exigida pela sociedade biográfica e que os alunos fazem é associada a provas secundárias. Por um lado, é acompanhado pela prova de legitimidade que aparece muitas vezes nas narrativas. Ela remete para uma certa vergonha de suas origens populares ou ainda de suas origens estrangeiras que se transforma em vergonha de si mesmo e deixa entender que não se tem seu lugar na universidade devido a especificidades culturais que marginalizam por causa de sua inadequação com a representação que fazemos das expectativas universitárias. Falar de si mesmo é correr o risco de uma revelação dessa inadequação e de um afastamento que é preciso aprender a assumir. A lógica argumentativa evidenciada na análise das narrativas testemunha, no âmbito do projeto de ateliê biográfico, uma evolução da relação com a palavra que, construída sobre o modelo da confissão e do segredo, se torna um espaço de autorização (Ardoino, 1990; Marpeau, 2018) que permite questionar a aculturação e socialização universitária para torná-la um objeto comum de reflexão.

A mediação incontornável que constitui a linguagem e sua maestria para construir um conhecimento de si mesmo, para tornar os seus pensamentos inteligíveis, é outra modalidade de prova secundária. Às vezes as palavras parecem faltar e um trabalho inédito de apropriação da linguagem tende a se realizar, em particular, no domínio das emoções que é preciso aprender a reconhecer, nomear e definir numa forma singular que testemunha de si. A lógica argumentativa da narrativa evoca a transformação do relacionamento com a linguagem que, inicialmente considerada como um obstáculo, se revela uma ferramenta de elaboração cujo valor performativo é descoberto. Em particular, revela-se a sua contribuição no trabalho de domínio das emoções que podem ser pensadas e também curadas quando remetem a uma forma de sofrimento.

É muito difícil para os alunos deixar sua sensibilidade falar e falar sobre isso. Eles consideram que ela se enquadra num espaço privado, que não tem lugar na universidade para a qual o saber a construir é de ordem racional e teórica. No ateliê biográfico de projeto, eles devem aprender a socializar essas

dimensões afetivas que estão no centro do processo de elaboração da experiência. A emoção, de fato, é um testemunho da relação singular que o indivíduo tem com as situações: ela informa sobre seus valores, seu poder de agir, o tipo de interações com os outros e o grau de conclusão de seus projetos. A sensibilidade torna-se neste contexto uma prova em si mesma, caracterizada pelo medo e/ou negação das emoções que as trocas, durante os tempos de reagrupamento, representam a manifestação. O reconhecimento e a aceitação do sofrimento que acompanha o processo de narrar, de sessão em sessão, constitui uma via de passagem para a reflexividade. A lógica argumentativa dá conta de uma transformação da relação com as emoções que permite sair da passividade do sofrer para a consciência dos desafios individuais e sociais associados. Realiza-se então um processo de libertação em relação aos afetos invasores que é inseparável de um retorno crítico sobre a experiência de formação cujas emoções testemunham a dificuldade.

13. Lidar com a complexidade da identidade como *topos* do aprender

O segundo *topos* de aprender diz respeito à capacidade de reconhecer e assumir sua complexidade identitária no espaço-tempo de seu percurso formativo. As narrativas testemunham tensões que envolvem a construção da identidade dos estudantes. Elas suscitam uma nova forma de prova centrada na sua tomada de consciência e nas modalidades da sua superação. Esta prova cristaliza-se prioritariamente em torno do projeto de formação.

O percurso de formação determinado por procedimentos de orientação obrigatórios e com grandes desafios em termos de inserção social, tende a reduzir o projeto a um planejamento que apaga tanto a dimensão do imprevisível permitindo estar aberto às possibilidades e ao tempo de reflexão sobre suas aspirações para trazê-las à luz e submetê-las à realização. O projeto programático (Ardoino, 1984) definido pela sua coerência, planejamento e articulação com uma implementação efetiva, preocupação principal do percurso de orientação universitária, pode induzir uma forma de controle sobre o tema. Ser um ator racional e eficaz, sem pensar nas finalidades da sua ação e nos seus sentidos. Muitas vezes a temporalidade necessária para o surgimento e elaboração de uma reflexão mestra sobre a orientação vem em contradição com a urgência do projeto programático que ainda é reforçado pelas regulações temporais da sociedade contemporânea. Os imperativos sistêmicos das sociedades capitalistas modernas pesam sobre os indivíduos através de normas, restrições e regulações temporais que se enquadram na lógica da aceleração social (Rosa, 2015). Ela submete os sujeitos a uma pressão temporal inseparável do imperativo social de desempenho individual que a universidade, em sua organização e suas prescrições, assume por conta própria. Esta pressão temporal torna difícil o trabalho biográfico que visa configurar um projeto de si mesmo que possa levar em conta as diferentes dimensões identitárias do indivíduo, refletir sobre sua eventual articulação e fazer escolhas com pleno conhecimento de causa.

As restrições que os estudantes enfrentam na construção de seu projeto de formação tendem a fazer prevalecer uma figura de si mesmo resultante de uma decisão racional, na negação de aspirações pessoais mais profundas que o aluno não se permite dar espaço. As problemáticas identitárias podem assim manifestar-se, de forma secundária, sob a forma de dissociações. As

características marcantes desta prova de dissociação identificadas nas narrativas consistem, por um lado, na experiência de uma lacuna não superada entre a cultura rural marcada pela afetividade e a solidariedade na qual os estudantes se identificam, e a cultura urbana intelectual e individualista que, em suas representações, caracteriza a universidade. Por outro lado, nas narrativas, aparece a grande dificuldade de articular o vivenciado dos estágios e a formação teórica disciplinar para construir uma formação coerente. Finalmente, alguns, e em particular as mulheres, experimentam uma separação entre o seu investimento como estudante nos estudos e outras dimensões de si mesmos que dizem respeito ao seu espaço privado (parentalidade, apoio de pais idosos, atividade profissional paralela). O trabalho biográfico que se realiza nas narrativas e a lógica argumentativa que delas emerge visam construir uma configuração identitária que permita ligar estas diferentes figuras de si, ou encontrar uma síntese de compromisso que renda essas tensões, Finalmente identificadas, psicologicamente suportáveis e compatíveis com a continuação dos estudos universitários.

Este desafio de dissociação se liga a outro que diz respeito ao problema da distinção. Os alunos estão conscientes de que a instituição universitária espera que eles se destaquem por um projeto singular que os distingue dos outros e lhes permite ser escolhidos e recrutados em um contexto de massificação inseparável de um processo seletivo. Ao mesmo tempo, eles estão muito ansiosos para voltar em conformidade com um determinado modelo de estudante que parece ganhar votos e cujo percurso padronizado mostra uma continuidade, fator de sucesso e fonte de apreciação. A instituição confronta-os assim com uma forma de injunção contraditória que lhes ordena estar ao mesmo tempo numa singularidade que as distingue e num padrão de conformidade que as legitima. Ser estudante supõe encontrar uma modalidade de articulação entre um percurso social imposto e uma trajetória biográfica singular, a fim de se apropriar dos desafios normativos complexos da orientação na universidade.

A narrativa no Ateliê biográfico permite enfrentar todos esses desafios de identidade, possibilitando transações identitárias relacionais e biográficas (Dubar, 2015).

Os participantes do ateliê operam através da auto narrativa de singulares transações biográficas que permitem encontrar uma modalidade de articulação entre o seu passado pessoal e a sua realidade atual de estudante que se insere num determinado projeto com as suas exigências e valores específicos que é necessário identificar pelo menos parcialmente. Também operam transações relacionais que lhes permitem transigir entre o eu atual com suas características e as expectativas da instituição universitária, que constituem tantas restrições. Outros ainda estão a tomar consciência da necessidade de abandonar estudos cujo custo identitário não pode ser assumido por eles devido à dificuldade ou impossibilidade de realizar estas transações. A problemática identitária encontrada no espaço de formação se resolve ao enfrentar um novo tipo de prova: a da ruptura do percurso formativo, ainda demasiado desvalorizado pela instituição universitária, e que se manifesta na forma de abandonos e reconversões, aos quais a auto narrativa contribui para dar um sentido tanto individual quanto social, para que a descontinuidade deixe de ser uma desvantagem para se tornar um recurso. O trabalho de auto narrativa no ateliê pode favorecer a reconstrução de uma trajetória biográfica que se descola do

percurso social imposto para propor novas possibilidades de interpretação da sua relação com a universidade e novas possibilidades de ação.

Conclusão

O dispositivo do ateliê biográfico de projeto permite pensar e construir um acompanhamento cuja contribuição para o percurso de formação universitária é inegável. A autorrelato no trabalho biográfico constitui não apenas um analisador das tensões identitárias que os estudantes vivem, mas também um lugar de experimentação da reconfiguração identitária que possibilita transações relacionais e biográficas.

O dispositivo favorece o envolvimento no aprendizado universitário dos alunos, na medida em que eles desenvolvem uma reflexividade favorável à ligação entre as dimensões epistemológica e identitária da relação com o saber para superar possíveis conflitos entre formação acadêmica e informal (mundo dos estágios e formação teórica, aprendizagens experienciais e conteúdos acadêmicos por exemplo). O dispositivo de biografia implementado no ateliê permite aos alunos libertar-se da pressão da norma de emprego que organiza a relação com a formação no ensino superior em França. Contribui para formar o projeto, permitindo aos alunos refletir sobre as ligações entre as dimensões identitária e social da sua relação com o saber, analisando suas aspirações numa lógica de emancipação em relação às representações que condicionam suas escolhas e questionar certos padrões de sucesso.

Os quadros da pesquisa biográfica em educação articulada com a teoria da relação com o saber e a sociologia dos testes permitem colocar em perspectiva a experiência estudantil de uma maneira fecunda, dando um passo de lado. Eles nos permitiram mostrar o papel importante das injunções relativas à orientação na estruturação social dos testes que afetam os alunos. O que está em jogo, além das questões de sucesso de um percurso universitário avaliado exclusivamente à luz da obtenção do diploma, é o processo de individuação-subjetivação dos jovens, adultos emergentes, que estão envolvidos em um trabalho biográfico para formar um projeto profissional que deve poder constituir sua contribuição singular para a sociedade em que participam. Este trabalho biográfico ainda não é reconhecido pela instituição universitária que não sabe acompanhá-lo. Às vezes, opera-se contra o percurso forçado na universidade através do abandono e das desistências que é preciso deixar de abordar negativamente. A universidade constitui então um espaço de transição que dá, em seu próprio corpo, aos estudantes a oportunidade de construir um projeto de orientação ao mesmo tempo mais ponderado e mais singular do que o ensino secundário prepara pouco ou mal.

Referências

- Agulhon C., Convert B., Gugenheim F. & Jakubowski S. **La professionnalisation. Pour une université « utile » ?** Paris : L'harmattan, 2012.
- Annot, E., Bobineau, C., Daverne-Bailly, C., Dubois, E., Piot, T. & Vari, J. **Politiques, pratiques et dispositifs d'aide à la réussite pour les étudiants des premiers cycles à l'université : bilan et perspectives.** Paris : Cnesco, 2019.

MELIN, Valérie. *Impacto de um ateliê biográfico do projeto sobre as provas do sujeito que aprende na universidade: contribuição da pesquisa biográfica em educação e teoria da relação com o conhecimento.*

Ardoino, J. Autorité In Barus-Michel, J., Enriquez, E., & Lévy, A. **Vocabulaire de psychosociologie**. Ramonville : Erès, 2002. (pp. 61-64).

Ardoino, J. Projet éducatif, projet de société. **Pour**, n°94, p. 5-13, 1984

Aristote. **Physique**. Paris : Les Belles Lettres, 1966.

Astier I. & Duvoux N. **La société biographique : une injonction à vivre dignement**. Paris : L'harmattan, 2006.

Cassirer, E. **Les formes symboliques**. Paris : Les Éditions de Minuit, 1972.

Charles, N. **Enseignement supérieur et justice sociale. Sociologie des expériences étudiantes**. Paris : Observatoire de la vie étudiante-La documentation française, 2015.

Charlot, B. **Du rapport au savoir-éléments pour une théorie**. Paris: Economica, 1997.

Delory-Momberger. C. **Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique**. Paris : Erès, 2019.

Delory-Momberger, C. Vivre l'école, vivre à l'école. *Le Sujet dans la Cité, Être à l'école aujourd'hui*, **Revue Internationale de Recherche Biographique en Éducation**, N°6, p.48-58, 2015.

Delory-Momberger, C. **De la recherche biographique. Fondements, méthodes, pratiques**. Paris : Téraèdre, 2014.

Delory-Momberger, C. **La condition biographique. Essais sur le récit de soi dans la modernité avancée**. Paris : Téraèdre, 2009.

Delory-Momberger, C. **Biographie et éducation-figure de l'individu-projet**. Paris: Anthropos, 2003.

Dubar C. **La socialisation. Construction des identités sociales et professionnelles**. Paris : Armand Colin, 2015.

Dubar, C., & Demazière, D. **Analyser les entretiens biographiques**. Laval, Canada: Presses de l'université de Laval, 2004.

Dubet F. **Les Lycéens**. Paris : Seuil, 1991.

Felouzis, G. **La condition étudiante-sociologie des étudiants et de l'université**. Paris : PUF, 2001.

Giret, J.-F., Belghith, F. & Tenret, E. **Regards croisés sur les expériences étudiantes-L'enquête conditions de vie 2016**. Paris : La documentation française, 2019.

Lapassade, G. **L'entrée dans la vie. Précis d'inachèvement de l'homme**. Paris: Editions de Minuit, 1963.



MELIN, Valérie. *Impacto de um ateliê biográfico do projeto sobre as provas do sujeito que aprende na universidade: contribuição da pesquisa biográfica em educação e teoria da relação com o conhecimento.*

Laterrasse, C. & Broussais, E. Le rapport au savoir in J. Beillerot & al. (dir.), **Traité des sciences et des pratiques de l'éducation**, Paris : Dunod, 2014. (p.381-393).

Marpeau, J. **Le processus éducatif-la construction de la personne comme sujet responsable de ses actes**. Paris : Erès, 2018.

Martuccelli, D. **La Société singulariste**. Paris : Armand Colin, 2010.

Paivandi, S. Performance universitaire, apprentissage et temporalité des étudiants. **Revue Française de Pédagogie**, 202-2018, p.99-116, 2018.

Paivandi, S. Autour de la posture d'accompagnement à l'université. **Recherche et formation** 81-2016, p.95-115, 2016.

Paivandi, S. **Apprendre à l'université**. Louvain-La-Neuve : De Boeck, 2015.

Ricoeur P. **Temps et Récit 1, Intrigue et récit historique**. Paris : Éditions du Seuil, 1983.

Rosa, H. **Accélération et aliénation**. Paris : La Découverte, 2015.

Van de Velde, C. **Devenir adulte : sociologie comparée de la jeunesse en Europe**. Paris : PUF, 2008.

Vasconcellos, M. **L'enseignement supérieure en France**. Paris : Éditions La Découverte, 2006.